

LHEÍSMO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Antenor Nascentes

Rio

Os espanhóis chamam **leísmo** o emprêgo da forma **le** do pronome da terceira pessoa, como única no acusativo masculino singular (**Dicionário da Real Academia**).

Por analogia, criamos a palavra **lheísmo** para designar, no português do Brasil, o emprêgo da forma **lhe** como objeto direto.

Depois de estabelecer as formas regulares **lo** e **la**, para o acusativo singular, e a forma **le** para o dativo, diz Pidal, **Gramática histórica española**, § 94: "En el uso las funciones del dativo y acusativo aparecen bastante confundidas; el leísmo domina en Castilla, atribuyendo a **le** funciones del acusativo, masculino **lo**, y aún se extiende al plural diciendo **les** por **los**."

Como se vê, na Espanha, o emprêgo de **le** na função de objeto direto é um caso pacífico.

A **Gramática de la lengua española por la Real Academia Española**, §§ 219 e 246, admite **le** como acusativo, confirmando assim a doutrina de Pidal.

Os melhores escritores (seria ocioso fazer citações) usam frequentemente **le** na qualidade de acusativo.

No português do Brasil aparece **lhe** (o correspondente português de **le**) como objeto direto, sob condenação unânime dos gramáticos.

Até hoje os nossos gramáticos se tem recusado a admitir êste fato da língua. A quem conhece a mentalidade retrógrada e ultraconservadora dos gramáticos o fato não parece estranho.

Os que, respeitando embora os ditames razoáveis da gramática, olham para a evolução natural da língua e aceitam os

fatos consumados contra os quais é inútil lutar, pensam de outro modo e admitem **lhe** como objeto direto.

Eu pertença a êste número.

Na linguagem corrente, o emprêgo de **lhe** dativo se atenuou, usando-se de preferência as expressões **a êle, para êle, a você, para você.**

É a tendência analítica da língua.

Eis o primeiro passo para o novo valor.

Êste pronome desvalorizado, por efeito de analogia, uma das grandes necessidades da língua, como faz ver Frei, foi utilizado para completar uma série, ao lado de **me** e **te**.

Me e **te** servem para acusativo e dativo. A **lhe**, da terceira pessoa, dativo, correspondia **o, a**, para acusativo. Que fez a língua? Para uniformizar, deu a **lhe** a função de acusativo e assim ficou: **me** acusativo e dativo, **te** acusativo e dativo e **lhe**, também, acusativo e dativo.

A língua literária não aceitou a inovação e, em contrário com a língua viva, continua mantendo **lhe** só para o dativo, conservando no acusativo **o, a**.

A mesma explicação da analogia é a que dá a Real Academia.

Depois de dizer (§ 246) que **le** deveria representar o dativo singular sem distinção de gênero e **lo, la** o acusativo, com distinção, acrescenta: “Pero el uso, que procede siempre, no a capricho, sino siguiendo ciertas leyes que no es del caso exponer aquí, asimiló la forma **le** a sus análogas **me** y **te**, y lo empleó como dativo y como acusativo indistintamente...”.

Rufino Cuervo, **Disquisiciones**, 337, concorda com êste ponto de vista.

Neste particular, os espanhóis foram mais liberais.

Êste emprêgo de **lhe** não é recente.

Francisco de Moraes, no capítulo III do livro II da **Epítome**

da gramática portuguesa, aponta como construção viciosa dizer “eu lhe amo, lhe adoro”, por “amo-o, adoro-o”.

Considerou erro das colónias (**Ibidem**, livro II, capítulo I, § 2.º, n. 2, b).

Nos clássicos, embora muito raramente, aparece êste emprego.

Leoni, **Gênio da língua portuguesa**, 197, cita um exemplo de Francisco de Moraes no **Palmeirim** L. II, cap. 74, (lhe amava) e outro de Castanheda L. I. cap. 21 (lhe peitaram).

Da primeira metade do século XIX, 1838, há um exemplo de Martins Pena, na comédia **O juiz de paz da roça**, ato único, cena IX: . . .**pelos circunlóquios com que lhe venero**.

Daí por diante, até à atualidade, não faltam exemplos.

Juvenal Galeno, **A jangada**: Estremeces como a noiva / Se vem-lhe o noivo beijar.

Adolfo Caminha, **A normalista**, 121: A champanhe mesmo enjoava-lhe.

Virgílio Várzea, **Mares e campos**, 59: Se alguém lhe ama em segredo,...

Fagundes Varela, **Anchieta**, c. VI, III: Mandam logo avisar-lhe as infelizes. Machado de Assis, **A semana**, III, 163: Não lhe acusem de estrangeirismo. (Cfr. 193: e não acuso por isso a administração).

Artur Azevedo, **Contos fora da moda**, 66: Ó, seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando. (Fala um personagem).

Jorge de Lima, **O anjo**, 141: Se não é, diga. Ou eu lhe amasso. (Fala um personagem).

Marques Rebelo, **Oscarina**: Aquilo ia-lhe roendo por dentro. (Pg. 20). Como mudaste, meu bem! — mirava-lhe. (Pg. 23).

Amando Caiuby, **Sapêzais e tigueras**, 166: Mas o Maneco lhe mata, Bentinha. (Fala um personagem).

Raquel de Queiroz: ...o dono está na frente lhe esperando e, se você não enxerga o dono, o dono lhe enxerga e o azar é seu. (**Passeio a Mangaratiba**, em “**Diário de Notícias**”, de 11 de Abril de 1954, pg. 1).

Guimarães Rosa, **Sagarana**, 81: Olha, seu Laio, eu lhe chamei para me aconselhar. (Fala um personagem).

Rui Santos, **Água barrenta**, 61: Nenhum homem ainda lhe atraíra.

Machado de Assis, em sua crônica de **A semana**, de 5 de Agosto de 1894, conta um caso referente a uma tal Martinha. A fôlhas tantas diz: Martinha, indignada, mas ainda prudente, disse ao importuno: “Não se aproxime, que eu **lhe furo**”. Mais adiante, à guisa de comentário, acrescenta: A palmatória dos gramáticos pode punir esta expressão; não importa, o **eu lhe furo** traz um valor natal e popular, que vale por tôdas as belas frases de Lucrécia.

Observe-se que o emprêgo de **lhe** como objeto direto aparece quase sempre na alocação.

Aplica-se sempre a pessoas.

Êste emprêgo de **lhe** por **o**, **a** já vem preparado na língua desde muito tempo. Vários fatos o provam.

Assim nas combinações dos verbos **fazer**, **deixar**, **mandar**, **ver** e **ouvir** com infinitivos de verbos transitivos, acompanhados de objeto direto, o agente dêste infinitivo é representado por **lhe** ao passo que, quando o infinitivo é de verbo intransitivo, o agente é representado por **o**, **a**.

Fica bem clara a equivalência de **o**, **a** com **lhe**, pondo-se de lado a predicação do verbo infinitivo.

Exemplos não faltam:

...das lágrimas que eu lhe fizera verter,... (Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**, 117).

...deixando-lhes entrever os tesouros da experiência adquirida... (Júlio Dinis, **A morgadinha dos canaviais**, I, 106).

Qualquer cousa que lhes mandar fazer o moço... (D. João I, **Livro da montaria**, 233).

...ouvira-lhe contar que sonhara comigo... (Machado de Assis, **Dom Casmurro**, 35).

...via-lhe fazer um gesto,... (Machado de Assis, **Dom Casmurro**, 1).

Said Ali, **Lexicologia**, 159, vê como causa primordial desta substituição do acusativo pelo dativo uma necessidade de clareza.

Expressando-se pela mesma forma pronominal a pessoa e a coisa, a permanecer rigorosa a construção dos dois acusativos, a duplicação confusa do pronome em certos casos, e certas construções deveriam parecer pouco lúcidas aos antigos portugueses, pela circunstância de o verbo regente atrair muitas vezes o objeto do verbo regido.

Por isto ou por aquilo, o fato é que a substituição se deu.

Outro caso de hesitação entre **o**, **a** e **lhe** se encontra no português clássico.

Dá-se com os verbos **socorrer**, **igualar**, **atalhar**, **contrariar**, **obedecer**, **desagradar**, **assistir**, **resistir**, **contentar**, **chamar** e outros, que apresentam sintaxe dupla.

Ex.:

Este que socorrer-lhe não queria... (**Lusíadas**, VI, 48, 1).

Estava muito pobre, e já tinha poucos amigos que o socorressem. (Camilo, **Serões de S. Miguel de Seide**, vol. V, pag. 19).

Esta dupla sintaxe, em muitos casos, desapareceu.

Assim, por exemplo, **socorrer** hoje pede objeto direto, mas **obedecer** pede indireto.

Alguns verbos, como **anteceder**, **presidir**, **suceder**, até hoje mantém a dupla sintaxe na língua literária, predominando o uso de **lhe**.

Qual a conclusão que se deve tirar de todos êstes fatos?

A de que **lhe** se emprega equivalentemente a **o**, **a** e de que está ganhando terreno cada vez mais.

Por que então não legitimar de uma vez êste emprêgo?

Porque os gramáticos, com seu espírito retrógrado e ultra-conservador a isso se opõem.

No dia, certamente remoto, em que êles aceitarem o fato consumado, nossa língua (a falada no Brasil) terá feito o que os espanhóis há muito tempo fizeram.

Não importa que o emprêgo não exista em Portugal.

O mesmo emprêgo de **lhe** como objeto direto se encontra em Goa (Leite de Vasconcelos, **Esquisse d'une dialectologia portugaise**, 169).